



SOBREVIVÊNCIAS, OBJETIVIDADE E FICÇÃO

Resenha de: MUSSA, Alberto. *Meu destino é ser onça*. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2009, 272 pp.

Lucésia Pereira¹

Doutoranda PPGHST/UFSC

O trabalho do escritor carioca Alberto Mussa (1961) é voltado ao estudo de culturas e mitologias antigas. De acordo com Mussa, este interesse não é novo e já o fez cursar o mestrado em línguas africanas pela UFRJ onde se dedicou a análise do português falado pelos escravos no Brasil. Em seu mais recente livro *Meu destino é ser onça*, Mussa adentra no universo indígena do Brasil com a restauração de um mito Tamoio, como era também denominado o povo Tupinambá que vivia no litoral do Rio de Janeiro.

Divido em três partes principais, o livro inicia com a apresentação da narrativa mítica, em seguida apresentando a transcrição dos relatos seiscentistas, tomados como principal fonte. Na última parte temos o texto intitulado *Original Teórico*, cuja leitura segundo o autor é destinada àqueles interessados em conhecer o percurso metodológico que deu consistência ao texto mítico.

O escritor destaca a importância deste conhecimento para a cultura literária brasileira, afirmando que o mito Tupinambá é portador de complexidade e grandeza tal como outras narrativas como a Teogonia, o Rig Veda ou o Gênesis, tendo com estes nítidas semelhanças estruturais. Na epopéia apresentada, há uma linhagem de heróis e uma explicação da cosmogênese universal “*No princípio, o universo era provavelmente muito escuro. Talvez fosse formado por um espaço sólido, totalmente ocupado pelos morcegos originais, que batiam asas negras e eternas*” (Mussa p. 31). O grande tema da narrativa é a busca à terra sem mal onde *os alimentos brotavam espontaneamente, flechas e paus de cavar trabalhavam sozinhos, não havia morte* (Mussa p. 35). O

¹ Contato: lucesia.pereira@gmail.com



caminho para este lugar de abundância e eterna juventude fora sendo esquecido à medida em os índios dele se distanciavam. Segundo a narrativa leva a concluir, a única forma de retornar era pelo ato de comer os inimigos aprisionados em luta. A conhecida prática canibal que gerou muita repulsa aos colonizadores.

Meu destino é ser onça é um livro desafiador e de leitura empolgante, especialmente a narrativa (re)criada por Mussa, que por sua vez não deixa nada a dever as ficções mais envolventes. Mas, como foi possível reconstituir esta narrativa? Segundo ele explica no próprio livro, o processo de trabalho centrou-se na análise e cruzamento de documentos, entre estes, os já citados textos seiscentistas. Este foi o caso de dois relatos deixados pelo frade André Thevet. Resultado de sua passagem pelo Brasil, para onde veio entre novembro de 1555 e janeiro de 1556, como integrante do projeto da França Antártica. Thevet adentrou nas matas e estabeleceu contato direto com os Tupinambás, servindo-se para isto de um tradutor que segundo ele dominava amplamente o tupi. Para Mussa (p.78), as anotações do frade *contém o mais extenso registro da mitologia Tupinambá*. Estes registros que interessaram o escritor, estão no texto *Cosmografia Universal* e principalmente no manuscrito deixado inédito por Thevet quando de sua morte, em 1592, cujo título é *História de André Thevet Angoumoisín, sismógrafo do rei, de duas viagens por ele feitas às índias Austrais e Ocidentais*. É nele que o frade descreve momentos cerimoniais do rito canibal com agudeza de detalhes que são citados por Mussa (p. 108):

Algum tempo depois da chegada do pobre prisioneiro, ou prisioneiros, todos os parentes e amigos são chamados para escolher que membros terão quando o matarem, a fim que estes amigos ou parentes tragam ao captor do prisioneiro algo para comer como é o costume. E com este fim fazem um grande e solene banquete. Depois aquele que deve matar o prisioneiro toma um nome na presença deste pobre cativo, que não fica com medo, nem espantado, nem com nenhum receio ou apreensão, tanto que é muito maior honra morrer dessa maneira do que em casa, na rede, de velhice ou doença, pois se sentem superiores em relação a estes últimos, que morrem sem vingança.



Ao cruzar estes dados, Mussa percebeu muitas semelhanças com o que descreviam outros cronistas como Anchieta, Manoel da Nóbrega, Hans Staden e Gandavo, ainda que contivessem menos informações que em Thevet. Sabemos que o uso destes depoimentos não é novidade e vem sendo feito tanto pela crítica literária, quanto pela antropologia e história. Contudo, nem sempre foi recorrente considerar as circunstâncias da produção destes documentos. Sobre isto, adverte Mussa que é necessário entender que os viajantes vieram para o Brasil imbuídos das mais diversas expectativas e condições. Na mesma medida, produziram diferentes percepções acerca dos contatos que aqui estabeleceram. Isto ajuda a compreender os diferentes olhares destes viajantes. Anchieta e Manoel da Nóbrega, por exemplo, pouco comentaram a mitologia nativa. Seu interesse por ela se restringiu aos objetivos da catequese. Apesar da sua rica descrição do cotidiano das aldeias, nota-se o mesmo desinteresse no relato de Hans Staden, que chegou a ser prisioneiro dos Tupinambá. Já Gandavo não se interessou pelos índios e tampouco por sua mitologia, para o autor *É fonte paupérrima, no que se respeita a mitologia. É também um dos autores mais etnocêntrico e antipático aos indígenas* (Mussa p. 143).

É preciso lembrar que Alberto Mussa não teve pretensões de fazer uma obra histórica. Ao contrário, há uma assumida parcela de criação ficcional, que ele afirma ter usado diante das muitas lacunas deixadas pelas fontes: *Tomei imensas liberdades: corrigi, quando inteligíveis, as transcrições do tupi; ou traduzi do próprio tupi, mantendo na língua indígena uma ou outra ocorrência que a circunstância exigia.* (Mussa p. 79). Mas é fato também que o livro resultou de uma extensa pesquisa documental e da tentativa do autor de se manter fiel ao que indicavam estes documentos. Por isto, talvez não seja possível enquadrá-la como uma obra estritamente ficcional. De toda maneira, a classificação final do livro - entre o ensaio e ficção - mostra, segundo ele, a dificuldade dos meios de catalogação em lidar com os gêneros híbridos.

Estas questões, suscitadas pelo livro, tem pontuado debates dentro da História Cultural, resultando positivamente numa ampliação das fontes e num diálogo profícuo com outros campos da produção intelectual como a literatura e a crítica literária. Desta última tem advindo inclusive um ideário renovador para o estudo da arte e da estética.



Porém, este trânsito entre fronteiras nem sempre é visto com “bons olhos“. No que cabe a história, a crítica é pautada na impossibilidade destes discursos se aproximarem de uma suposta “verdade histórica“. Assim, para um discurso que não prescinde de sua objetividade, os diálogos lançados usados pela ficção não parecem ser suficientemente seguros.

Polêmicas à parte, *Meu destino é ser onça* é leitura recomendada seja para um público leigo que almeja sobretudo fluência e prazer, seja para quem intenta conhecer um pouco mais do Brasil seiscentista e dos nossos ancestrais indígenas. Por fim, interessa ao público acadêmico, na medida em que exemplifica quão interessantes podem ser estas aproximações interdisciplinares.